

O INESPERADO FUTURO PROFISSIONAL: PERSPECTIVA DO GRADUANDO EM ENFERMAGEM

Acácia Pereira da Silva Oliveira¹

Suely Lisboa Nunes²

Juliana de Oliveira Musse³

Enfermagem



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Os desafios na formação em enfermagem estão em construir um profissional, com competências e habilidades técnicas/científicas para intervir nos serviços de saúde. Estão em formar um enfermeiro crítico, reflexivo e que consiga aliar a teoria com a prática sem comprometer os princípios científicos, mas que seja criativo e aprenda a adaptar-se às singularidades e complexidade das situações. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório de abordagem quantitativa, que tem como objetivo conhecer as perspectivas dos graduandos em enfermagem quanto ao seu futuro profissional, caracterizar o perfil dos alunos, analisar o processo de formação do ponto de vista dos acadêmicos e suas expectativas profissionais. A pesquisa foi realizada com 100 alunos do Curso de graduação em Enfermagem da Universidade Tiradentes, UNIT, no segundo semestre de 2015. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado elaborado pelas pesquisadoras e para a análise foi utilizado um software ACTION versão 2.9. Percebeu-se que a maioria dos alunos era do sexo feminino, solteiro, jovens com a faixa etária entre 20 e 30 anos, que não possuíam formação técnica e nem trabalhavam na área de saúde. A maioria, 92%, dos pesquisados se sentiam aptos para atuar como enfermeiro, sobretudo na área de Saúde Coletiva. Possuíam expectativas de se inserirem no mercado de trabalho logo após conclusão do curso e iniciarem uma especialização em urgência/emergência ou saúde pública. A visão dos graduandos sobre o futuro profissional reflete as oportunidades experimentadas durante a graduação. As instituições formadoras devem reconhecer suas expectativas e esclarecer, já nos últimos anos do curso, as possibilidades de atuação do enfermeiro no mercado de trabalho, contribuindo para inserção precoce dos seus egressos.

PALAVRAS-CHAVE

Educação em Enfermagem. Estudantes de Enfermagem. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

The challenges in nursing training are to build professional and technical / scientific skills to intervene in health services. To form critical, reflective nurses and who can combine theory with practice without compromising the scientific principles, but be creative and learn to adapt to the uniqueness and complexity of the situations. This is a descriptive, exploratory study with a quantitative approach, which aims to evaluate the prospects of the students to nursing as their professional future, characterize the profile of these students, analyze the formation process with an academic point of view and their professional expectations. The survey was conducted with 100 students of graduate course in Nursing at the Tiradentes University, UNIT in the second half of 2015. For data collection used a semi-structured questionnaire and for the analysis we used an ACTION version 2.9 software. It was noticed that most of the students were female, single, young people with ages between 20 and 30 years, who had no technical training and not working in healthcare. Most, 92% of respondents felt able to act as a nurse, especially in public health area. They have expectations to work at the open labor market after graduation and start a specialization in urgent / emergency or public health. The sight of students on the professional future reflecting the opportunities experienced during graduation. Educational institutions should recognize student's expectations and clarify, since in recent years the course, the nursing work opportunities at the labor market, contributing to early integration of its graduates.

KEYWORDS

Education. Nursing. Nursing Students. Job Market.

1 INTRODUÇÃO

A criação do Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da Constituição Federal de 1988, trouxe um novo contexto político e social para a assistência à saúde no país e, conseqüentemente, à discussão sobre novos paradigmas para nortear a formação dos trabalhadores na área de saúde. Nesse cenário, foram propostas algumas mudanças nos cursos de graduação de saúde, dentre eles, o de Enfermagem. A formação do enfermeiro, que até então era predominantemente voltada às exigências médicas e hospitalares, passou a incluir conteúdos direcionados à saúde coletiva (SILVA; SOUSA; FREITAS, 2011).

Essas mudanças recaíram para as Instituições de Ensino Superior (IES) que precisaram redefinir o processo de educação e a adaptação dos currículos a partir dos projetos pedagógicos para formar profissionais qualificados e comprometidos a fortalecer o sistema (SILVA; RODRIGUES, 2010).

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (DCN/ENF) implementadas pela resolução nº 3/2001 do Conselho Nacional de Educação, desencadeou um novo movimento de reestruturação de currículos. Denotavam um novo perfil de profissional e de abordagem no processo saúde-doença, voltado, sobretudo, para a realidade da população e de modo coerente com os pressupostos do SUS. Surgiram para nortear nas instituições, os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), trazendo parâmetros aos conteúdos mínimos, flexibilidade na organização do curso, adoção de metodologias ativas, incorporação de atividades complementares, interdisciplinaridade, articulação entre a teoria e a prática e a pesquisa de extensão (REBOLÇAS; FERNANDES, 2013).

Os desafios na formação em enfermagem estão em construir um profissional, com competências e habilidades técnicas/científicas para intervir nos serviços de saúde. Está em formar um enfermeiro crítico, reflexivo e que consiga aliar a teoria com a prática sem comprometer os princípios científicos, mas que seja criativo e aprenda a adaptar-se às singularidades e complexidade das situações. Sob outro aspecto, espera-se que seu papel seja o de agente integrante de políticas de saúde pública, promovendo o empoderamento dos usuários e participação social (SILVA ET AL, 2010; LUCCHESI; VERA; PEREIRA, 2010).

Na contemporaneidade, o mercado de trabalho na saúde exige mão de obra cada vez mais qualificada e que acompanhe o desenvolvimento tecnológico e científico da área, se tornando um grande desafio principalmente à formação do enfermeiro. Nesse contexto, as mudanças curriculares na graduação em Enfermagem nos últimos anos buscam atingir essa prática com propostas reais e com a conscientização do aluno de que a formação profissional é um processo de construção permanente (MANARIN; BORBOLETO; FERREIRA, 2009).

Na literatura, pesquisas mostram alguns exemplos de fragilidades na graduação relacionadas à falta de preparo de enfermeiros para atender as necessidades do exercício da profissão, especialmente no que tange aos relacionamentos interpessoais e gerenciamento de conflitos. A realidade vivenciada durante a vida acadêmica difere muito das situações reais nos serviços de saúde onde dilemas, incertezas, conflitos pessoais e falta de recursos são enfrentados (MANARIN; BORBOLETO; FERREIRA, 2009; COLENCI; BERTI, 2011; CARVALHO, 2011; JABUR; COSTA; DIAS, 2012).

Segundo Barlem e outros autores (2012) é fundamental uma reflexão quanto a esse processo de formação, a partir de experiências e enfrentamentos presentes no cotidiano de trabalho, confrontando as competências adquiridas e desenvolvidas no curso de graduação com a realidade laboral. Portanto, conhecer as perspectivas dos graduandos em enfermagem é uma forma de analisar, compreender e refletir sobre as questões relativas ao ensino superior e às características inerentes ao ingresso na profissão.

Nesse contexto, a pesquisa buscou conhecer as perspectivas dos graduandos em enfermagem quanto ao seu futuro profissional: caracterização do perfil dos alunos, análise do processo de formação acadêmica e expectativas profissionais.

2 METODOLOGIA

Trata-se de estudo descritivo, exploratório de abordagem quantitativa. O estudo descritivo tem como objetivo expor a realidade, sem preocupar-se em explicar ou intervir na situação. Por outro lado, a pesquisa de natureza quantitativa busca quantificar dados por intermédio de métodos estatísticos. Esta modalidade é bastante aplicada em estudos descritivos que estudam a relação entre variáveis (ARAGÃO, 2011).

A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano de 2015, na Universidade Tiradentes, localizada na cidade de Aracaju, estado de Sergipe. A amostra foi constituída por 100 alunos do último semestre da graduação de enfermagem, de um total de 106. Foram excluídos aqueles que não concordaram em participar do estudo e os que não estavam presentes no momento da coleta. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido, comprometendo-se a participar voluntariamente da pesquisa. Vale ressaltar que as pesquisadoras estão cursando o último semestre da graduação em enfermagem e não fizeram parte da amostra.

Foi utilizado questionário semiestruturado, contemplando os seguintes aspectos: dados socioeconômicos dos alunos (idade, sexo, profissão, dados sobre formação escolar, estado civil e renda); informações relativas ao curso de graduação (processo de formação e grade curricular) e sobre a expectativa profissional (área de interesse, dificuldades, interesse financeiro, preparação profissional). Os questionários foram arquivados sob a responsabilidade das pesquisadoras, garantindo o sigilo das informações adquiridas.

A coleta dos dados foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIT, sob o parecer 1.248.938. Foram respeitados os preceitos éticos estipulados pela resolução 466/2012 que dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas, envolvendo seres humanos.

Após a fase de coleta de dados, os mesmos foram codificados, digitados, tabulados e submetidos à análise por meio do software ACTION, versão 2.9. Os resultados foram apresentados por meio de números absolutos, percentuais e representados por tabelas, quadros e gráficos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram divididos em categorias de acordo com os objetivos da pesquisa: perfil socioeconômico dos graduandos em Enfermagem; formação profissional e expectativa profissional quanto ao futuro profissional.

3.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS GRADUANDOS EM ENFERMAGEM

Pode-se observar, analisando as características dos alunos (Tabela 1), a predominância do sexo feminino (88%), com idade entre 20 e 30 anos (83%), solteiros (86%), com renda familiar em torno de 3 a 5 salários mínimos (52%). Quanto à escolaridade, a maioria dos alunos (67%) completou o ensino médio em escolas particulares e 22% possuem formação técnica em diferentes áreas, destes, 16% são técnicos em enfermagem. Cerca de 80% dos alunos referiram não trabalhar na área de saúde. E aqueles que trabalham na área de saúde (20%) atuam em hospitais, laboratórios, Unidades de Saúde da Família e Sistema de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU).

Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos com egressos de enfermagem nos quais a maioria era também constituída, principalmente, por mulheres jovens e solteiras (COLENCI; BERTI, 2011; MANARIN; BORTOLETO, FERREIRA, 2009). A predominância feminina nos cursos de enfermagem já era esperada, uma vez que a profissão está enraizada às tendências históricas do papel da mulher ao processo de cuidar (OLIVEIRA; MININEL; FELLI, 2011). No entanto, a inserção dos homens na categoria aumentou no decorrer dos anos (VITORINO; HERTEL; SIMÕES, 2012).

Na pesquisa desenvolvida por Colenci e Berti (2011), 51,91%, do total de uma amostra de 104 sujeitos, já possuíam formação na área de enfermagem como auxiliar ou técnico, diferenciando dos dados encontrados neste estudo. Vale ressaltar que alunos com experiência prévia na área podem ter maior facilidade em desenvolver habilidades práticas e técnicas durante os estágios.

Quanto ao tipo de instituição onde os alunos cursaram o ensino médio, os dados do presente estudo corroboram com os de Spíndola, Martins e Francisco (2008) que, ao traçar o perfil de 120 graduandos de uma instituição privada, encontrou a maioria sendo oriundos de escolas particulares, cerca de 62,5%, seguidos de 37,5% de escolas públicas. Se por um aspecto esses resultados podem reforçar a dificuldade que os alunos de ensino público possuem em passar no vestibular, por outro, por se tratar de uma instituição privada, muitos não possuem condições econômicas de arcar com as mensalidades do curso, reforçando a influência das iniquidades sociais na área de educação.

Na instituição 30% dos alunos pesquisados possuem algum tipo de bolsa de financiamento estudantil, 52% quem custeia o curso é a família, 12% é por meio de renda própria, 2% pelo cônjuge, 2% por bolsa financiamento estudantil mais renda própria e 2% bolsa de financiamento estudantil mais ajuda da família. Nesse sentido, programas criados pelo governo federal vêm colaborando com a inserção cada vez maior de estudantes economicamente menos favorecidos em IES privadas por meio de financiamentos como o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e Programa Universidade para Todos (PROUNI).

Dados comprovam que nos últimos anos vêm crescendo consideravelmente o número de oferta de vagas de graduação em enfermagem, principalmente no setor privado, devido ao apoio oferecido pelo governo. Em 2011 havia 826 cursos de Enfermagem em todo o Brasil, sendo 160 instituições públicas e 666 instituições privadas, em 2012 esse número passou para 838 e em 2013 para 888 cursos (COLENCI; BERTI, 2011; TEIXEIRA ET AL, 2013).

Tabela 1 – Características do perfil socioeconômico dos graduandos em Enfermagem. UNIT. Aracaju, Sergipe 2015

Variáveis	Frequência	%
Sexo:		
Masculino	12	12%
Feminino	88	88%
Idade:		
20 a 30 anos	83	83%
30 a 40 anos	16	16%
40 a 50 anos.	01	01%
Estado Civil:		
Solteiro	86	86%
Casado	14	14%
Instituição que concluiu:		
Escola Pública	33	33%
Escola Particular	67	67%
Ano de Conclusão:		
1990 a 2000	09	9%
2000 a 2010	87	87%
Não Opinaram	04	04%
Possui Formação Técnica		
Sim	22	22%
Não	78	78%

Fonte: Dados da pesquisa.

3.2 PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Quando questionados sobre a escolha da profissão, 73% dos alunos referiram que a enfermagem foi a primeira opção, apenas uma minoria (27%) optou pelo curso como segunda alternativa, sendo que destes, 10% gostariam de ter cursado medicina. Jabbur, Costa e Dias (2012) ao analisarem a percepção de acadêmicos de enfermagem quanto às suas escolhas encontraram resultados diferentes, 54% dos entrevistados, de 70 acadêmicos, referiram não aderir à enfermagem como primeira opção, no entanto, 58,6% afirmaram nunca se submeterem a outro processo seletivo ou transferência interna. Entre aqueles que tentaram outros cursos, o de medicina foi o mais procurado.

O turno do curso de graduação na instituição da pesquisa varia entre manhã/tarde e tarde/noite, no grupo estudado há o predomínio de alunos que optaram por estudar à tarde/noite (53%). Apenas 8% alunos ainda estão matriculados na grade antiga com o curso com a duração de quatro anos. Vale ressaltar que a aprovação das DCN na faculdade de enfermagem em 2001 possibilitou maior flexibilidade na organização do curso pelas IES. Na universidade em questão a mudança na grade curricular ocorreu no ano de 2010, passando a possuir uma carga horária total de 4620 horas (cinco anos de curso): aulas teóricas e práticas com 3480 horas, 940 horas de estágio supervisionado e 200 horas de atividades complementares.

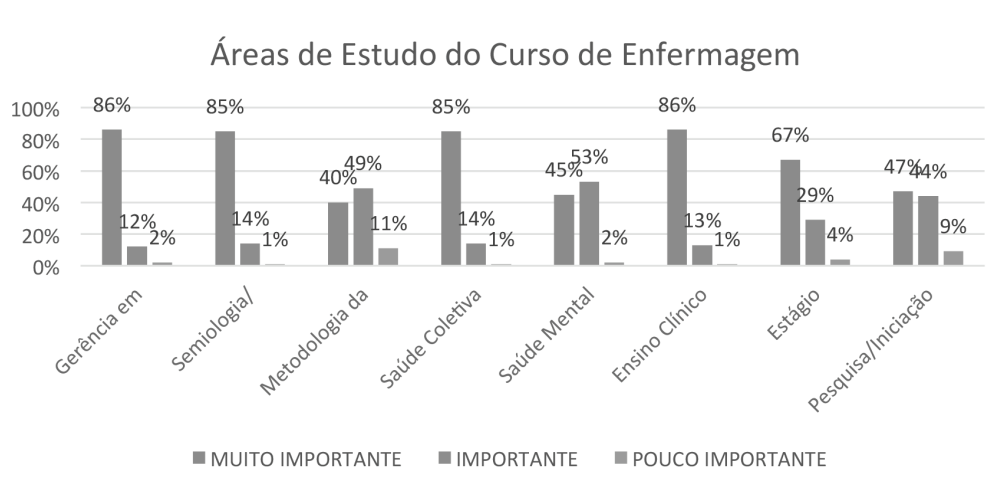
Algumas áreas de estudo que os alunos tiveram contato durante a vida acadêmica, foi sugerido que julgassem o grau de importância das mesmas (GRÁFICO 1). Nesse sentido os dados demonstram que eles consideram mais importantes, a área de Saúde coletiva, a gerencial/administrativa e a de semiologia/ semiotécnica e ensino clínico. Esses resultados condizem com os da pesquisa de Carvalho (2011) no qual a Saúde Coletiva também foi apontada como predominantemente importante, demonstrando grande interesse dos graduandos por esse campo de atuação.

Outro aspecto que merece atenção é o fato da pesquisa ainda ser considerada de pouca relevância por alguns acadêmicos (9%). Esse resultado pode indicar que, embora a grade curricular contemple disciplinas que estimulam a pesquisa, tais como Enfermagem Baseada em Evidências, os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Práticas Investigativas, ainda existem alunos com dificuldade de compreensão quanto ao seu papel para uma prática de enfermagem mais segura e resolutiva.

A Prática Baseada em Evidências na enfermagem possibilita a utilização de resultados de pesquisas na assistência à saúde, dessa forma, é necessário encontrar a melhor e a mais recente evidência científica, para ser implementada. A utilização dessa ferramenta contribui na consolidação da identidade dos enfermeiros e proporciona melhorias na qualidade da assistência prestada ao paciente (SOARES ET AL, 2015).

A pesquisa possibilita uma abordagem multidisciplinar dos fatos, o que é fundamental para atuar no contexto do SUS. Trabalhar a conscientização sobre o uso da mesma como parte integrante da práxis em enfermagem desde o processo de formação profissional contribui para promoção da autonomia desses profissionais.

Gráfico 1 – Áreas de estudos do Curso de enfermagem. UNIT. Aracaju, Sergipe. 2015



Fonte: dados da pesquisa

Sobre as fontes de aprendizagem durante a trajetória acadêmica pode-se constatar que as opções mais referidas foram atividades de extensão (42%) e participação em congressos (36,7%), seguidas de atividades de iniciação científica (11%), estágio (6%) e monitoria (4,3%). É necessário enfatizar que a procura por outros mecanismos de aprendizagem além da sala de aula é um exemplo de apropriação do aluno em relação ao seu processo de formação, pois passam a ser atores, ao invés de meros telespectadores, buscando o conhecimento, atualizando-se, e, conseqüentemente, desenvolvendo novas habilidades e competências necessárias à profissão.

Desde a implantação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, que existe a proposta de implementações pedagógicas nos cursos de ensino superior apoiadas no modelo de ensino por competências. Nessa perspectiva ao serem indagados sobre o currículo por competências, 53% dos alunos relataram não saber do que se tratava e 67% não ter conhecimento se a instituição já implantou esse modelo de currículo.

Diante de tantas exigências impostas pelo sistema produtivo, seja devido à competitividade quanto às próprias mudanças do mercado e trabalho, a discussão sobre o significado de competência já há alguns anos passaram a invadir o mundo da educação superior. Nessa Universidade a implantação do currículo por competências acontecerá a partir do primeiro semestre de 2016.

As DCN/ENF expressam a competência profissional como capacidade de colocar em prática os conhecimentos, valores e habilidades essenciais para o desempenho eficaz e eficiente das atividades oriundas do trabalho. Enfatizam a integralidade da assistência, a adequação e flexibilidade do currículo às necessidades do SUS, a integração de disciplinas e a autonomia institucional (TONHOM ET AL, 2014).

O processo ensino-aprendizagem na enfermagem é fundamental para a formação de profissionais mais criativos e adaptativos, capazes de se adequar às realidades impostas nos serviços de saúde e, ao mesmo tempo, comprometidos com a vida. Nesse sentido, o ensino por competência surge como proposta pedagógica que visa superar a abordagem tradicional e proporcionar uma educação mais ampliada (PARANHOS; MENDES, 2010).

O ensino tradicional é centrado no professor, por meio da transmissão de conteúdos pré-definidos, enquanto que o ensino por competência traz uma perspectiva inovadora, o aluno passa a ser ator durante seu processo educativo e não apenas sujeito, estimulando o empoderamento em relação ao seu aprendizado. Além disso, estimula a discussão entre a teoria da disciplina e a experiência do trabalho, contribuindo para uma formação mais emancipadora (SOUZA; MIYADAHIRA, 2012).

A avaliação da aprendizagem baseada em competência requer uma análise minuciosa por parte do docente, uma vez que o mesmo não deve apenas avaliar os conhecimentos apreendidos, mas também as habilidades e atitudes desenvolvidas pelos alunos comparando com aquelas esperadas pela proposta pedagógica. O crescimento do educando transcende resultados de desempenho, estando voltadas principalmente às competências profissionais a serem adquiridas e necessárias ao trabalho (PRADO; PRADO; REIBNITZ, 2012).

Uma dessas competências é a capacidade do profissional tomar as decisões mais apropriadas tanto do ponto de vista técnico-científico, quanto ético, durante a prática clínica, independentemente da área que esteja atuando. Por isso, a abordagem da disciplina de bioética na enfermagem, nos cursos de graduação, é tão importante. Nesse sentido, os alunos foram questionados se durante o seu curso foi trabalhado conteúdos de bioética e se acreditavam que seus professores a compreendiam. Dos acadêmicos, 99% afirmaram que tiveram contato com a disciplina e 87% relataram que os professores sabem do que se trata.

A bioética fornece ferramentas teóricas que auxiliam os profissionais na tomada de decisões diante dos dilemas que acometem os seres humanos no contexto dos serviços de saúde (SIQUEIRA-BATISTA, 2014). No entanto, a introdução da Bioética nas matrizes curriculares, além de lenta, merece atenção, em particular quanto ao ensino.

Segundo Paiva, Guilhem e Sousa (2014), o ensino dessa disciplina exige criatividade e deve transcender os moldes tradicionais adotados por grande parte das instituições. Além disso, deve-se prezar pela ementa da disciplina, para que não contemple apenas dos aspectos disciplinares e legais das práticas profissionais.

De acordo com Genro, Francesconi e Goldim (2014) a bioética clínica não se restringe ao compromisso de tomar decisão, mas deve orientar as escolhas dos profissionais durante as situações, possibilitando a análise crítica, indicando as alternativas e suas consequências, utilizando reflexões e experiências acumuladas de outras pessoas sobre os dilemas.

Um aspecto a ser considerado durante o processo de formação do enfermeiro que condiz com o currículo por competências é a utilização de metodologias ativas de aprendizagem, tais como o *Problem Based Learning* (PBL) já amplamente utilizado nos cursos de medicina, inclusive na instituição do estudo.

Nesse contexto, ao serem questionados se conheciam o PBL e se sua instituição já praticava esse método, a maioria dos alunos relatou que sim (97% e 90% respectivamente). Isso significa que os alunos estão cientes da existência de novas possibilidades de ensino, mesmo que em outros cursos, o que é um aspecto interessante a ser considerado pela instituição ao deslumbrar a implantação de novas possibilidades para o curso.

A adoção de metodologias deste tipo, por meio da qual o discente assume uma postura mais ativa, resolve problemas, desenvolve projetos e cria oportunidades de conhecimento (MARIN ET AL, 2010; GEMIGNANI, 2012).

3.3 EXPECTATIVA PROFISSIONAL QUANTO AO FUTURO PROFISSIONAL

Dos alunos questionados, 26% julgaram a profissão de Enfermeiro como muito promissora, 63% promissora, 11% razoável. Não houve nenhum aluno que considerou a profissão ruim. E em relação à atuação do enfermeiro nos dias atuais, 70% considera ampla e diversificada. Envolvida em diferentes etapas do processo saúde-doença, que vai desde a prevenção, ao tratamento e reabilitação, até a participação nas transformações sociais e políticas. Esse resultado é consenso com as propostas das DCN, que é a de um profissional crítico, reflexivo e adaptativo às singularidades do SUS.

No tocante à expectativa quanto ao mercado profissional, a maioria, (92%) se sente preparada para ingressar e afirma que foram bem formados pela Universidade (92%). Vale ressaltar que 27% dos graduandos já receberam ofertas de trabalho. Esses resultados vão ao encontro de outros encontrados na pesquisa de Manarin, Bortoleto

e Ferreira (2009), no qual 32% de sua amostra (68 alunos do último semestre do curso de enfermagem) confirmaram ter recebido proposta de emprego antes de ser formar, 96% se considerava apto para o mercado de trabalho e 69% relatam renda mínima pretendida acima de 2000 reais.

Quanto a expectativa financeira, 90% dos alunos acreditam ganhar futuramente um salário superior a 2000 reais, 9% um salário entre 1800 e 2000 reais e apenas 1% em uma remuneração entre 1000 a 1500 reais.

Nas questões que abordavam a área de mais dificuldade, a que se sentem mais preparados e o que pretendiam fazer após conclusão do curso, os alunos tiveram a opção de marcar mais de uma alternativa. Dessa forma, em relação à área de maior dificuldade, a alternativa mais referida foi a pesquisa (42,59%) seguida da área hospitalar (18,51%), gestão (17,59%), ensino (11,11%), saúde pública (6,48%), pediatria (2,77%) e não quiseram opinar (2,77%).

Por outro lado a que os alunos afirmaram sentir mais preparados para trabalhar na Saúde Pública, com 42,73; seguida da hospitalar, com 34,78%; gestão, com 10,15%; ensino, com 8% e pesquisa e obstetrícia, ambas com 3%. Vale enfatizar que os graduandos estão realizando o último estágio supervisionado nas Unidades de Saúde da Família (USF). A pesquisa desenvolvida por Carvalho (2011) também demonstrou que prevaleceu a Saúde Coletiva como a de maior identificação pelos egressos de enfermagem, seguido de Gerência, Pesquisa, Ensino e Enfermagem Hospitalar e Saúde Mental, respectivamente.

Ao serem questionados quanto aos planos após conclusão do curso, as alternativas mais referidas foram: se inserir no mercado de trabalho, com 32,71%; fazer uma pós-graduação (31,48%); concurso (19,75%); mestrado acadêmico (11,11%) e outra graduação (4,95%). Nenhum aluno optou por atuar com pesquisa após a formação, o que é contraditório, uma vez que uma pequena porcentagem tem interesse em se candidatar ao mestrado, em que um dos focos é a pesquisa. E, supondo-se que pretendem seguir a carreira acadêmica, faz parte do tripé universitário a pesquisa, o ensino e a extensão.

As instituições formadoras devem reconhecer as perspectivas dos recém-egressos e esclarecer, já nos últimos anos de graduação, as possibilidades de atuação do enfermeiro, contribuindo para inserção precoce dos seus egressos no mercado de trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos pesquisados acredita estar preparada para exercer a profissão de enfermeiro, sobretudo no campo de saúde pública, uma das áreas que se sentem mais aptos a atuar; possui expectativa de se inserir no mercado de trabalho logo

após conclusão do curso e de cursar uma pós-graduação, principalmente nas áreas de saúde coletiva e de urgência/emergência.

Percebe-se, ainda, que os alunos buscam outros mecanismos de aprendizagem, além daqueles passados em sala de aula, tornando-se cada vez mais atuante durante seu processo de formação. E, quanto aos aspectos referentes à Saúde Coletiva, ela foi considerada como uma das áreas de maior importância. Entretanto, a pesquisa ainda é pouco valorizada por parte de alguns acadêmicos.

A visão dos graduandos sobre o futuro profissional reflete as oportunidades experimentadas durante a graduação. Suas expectativas devem estar aliadas ao prévio conhecimento, treinamento e divulgação da realidade que os espera fora do Campus Universitário. Cabe à instituição formadora esclarecer os seus alunos, seja por meio das matérias e conhecimentos oferecidos, bem como pelos convênios com empresas e órgãos públicos, zelar para a inclusão dos formados na economia, aproximando, o mais fidedignamente possível, a realidade acadêmica da realidade profissional.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, J. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. **Revista Praxis ano III**, n.6. 2011. Disponível em: <<http://web.unifoa.edu.br/praxis/numeros/06/59.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2015.

BARLEM, J.G.T.; *et al.* Fragilidades, fortalezas e desafios na formação do enfermeiro. **Escola Anna Nery**, v.16, n.2, Rio de Janeiro, abr-jun. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000200020>>. Acesso em: 12 out. 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES Nº 3**, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, v.34, n.248, 23 dez 1996. Seção 1. p.833-841. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 13 out. 2015.

CARVALHO, L.S. **Uma antiga profissão do futuro**: percepções de enfermeiros sobre sua formação e inserção profissional. 2011. Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nexAction=lnk&exprSearch=601703&indexSearch=ID>>. Acesso em: 27 out. 2015.

COLENCI, R.; BERTI, H.W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Revista Escola Enfermagem USP**, v.46, n.1, 2011. p.158-66. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000100022>> . Acesso em: 25 out. 2015.

GEMIGNANI, E.Y.M.Y. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. **Revista Fronteira da Educação**, Recife, v.1, n.2. 2012. Disponível em: <<http://www.frenteirasdaeducacao.org/index.php/fronteiras/article/view/14>> . Acesso em: 2 out. 2015.

GENRO, G.P.; FRANCESCONI, C.F.M.; GOLDIM, J.R. Bioética Clínica: vinte anos de experiência no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. **Revista da AMRIGS**, v.58, n.1, Porto Alegre, jan-mar. 2014. p.83-88. Disponível em: <http://www.amrigs.com.br/revista/58-01/0000087395-15_1332_Revista%20AMRIGS.pdf> . Acesso em: 27 maio 2015.

JABBUR, M.F.L.O.; COSTA, S.M.; DIAS, O.V. Percepções de acadêmicos sobre a enfermagem: escolha, formação e competências da profissão. **Revista Norte Minas Enfermagem**, v.1, n.1, p.3-16. Montes Claros- Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://www.renome.unimontes.br/index.php/renome/article/view/15/21>> . Acesso em: 27 out. 2015.

LUCCHESI, R.; VERA, I.; PEREIRA, W. R.; As políticas públicas de saúde- SUS- como referência para o processo ensino-aprendizagem do enfermeiro. **Revista Eletrônica Enfermagem [INTERNET]**. v.3, n.12, 2010. 562-566. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n3/v12n3a21.htm> . Acesso em: 20 set. 2015.

MANARIN, A.P.; BORTOLETO, C.B.; FERREIRA, M.C.S. Perspectivas do Egresso de Enfermagem Frente ao Mercado de Trabalho. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v.8, n.1, Campo Grande, 2009. p.93-105. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26012800009>> Acesso em: 27 out. 2015.

MARIN, M.J.S.; et al. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das Metodologias Ativas de Aprendizagem. **Revista brasileira de educação médica**, v.34, n.1, Rio de Janeiro, jan-mar. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022010000100003>> . Acesso em: 27 maio 2015.

OLIVEIRA, B.M.; MININEL, V.A.; FELLI, V.E.A. Qualidade de vida de graduandos de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.64, n.1, Brasília, jan-fev. 2011. p.130-135. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672011000100019&script=sci_arttext> . Acesso em: 27 out. 2015.

PAIVA, L.M.; GUILHEM, D.; SOUSA, A.L.L. **O Ensino da bioética na graduação do profissional de saúde**. Medicina, v.47, n.4, Ribeirão Preto, 2014. p.357-369. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v47i4p357-369>> . Acesso em: 5 out. 2015.

PARANHOS, V.D.; MENDES, M.M.R. Currículo por competência e metodologia ativa: percepção de estudantes de enfermagem. **Revista Latino-Americana Enfermagem**, v.18, n.1, jan-fev. 2010. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>>. Acesso em: 25 out. 2015.

PRADO, R.A.; PRADO, M.L.; REIBNITZ, K.S. Desvelando o significado da avaliação no ensino por competência para enfermeiros educadores. **Revista Eletrônica Enfermagem**, v.14, n.1, jan-mar. 2012. p.112-121. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v14/n1/v14n1a13.htm>>. Acesso em: 1 maio 2015.

REBOLÇAS, L.C.; FERNANDES, J.D. Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação em Enfermagem: avanços e desafios. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.66 no spe Brasília, sept. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672013000700013&script=sci_arttext> Acesso em: 23 set. 2015.

SILVA, M.G.; *et al.* Processo de formação da (o) enfermeira (o) na contemporaneidade: desafios e perspectivas. **Texto Contexto Enfermagem**, v.1, n.19, Florianópolis, jan-mar 2010. p.176-184. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n1/v19n1a21.pdf>> Acesso em: 20 set. 2015.

SILVA, M.J.; SOUSA, E.M.; FREITAS, C.L. Formação em enfermagem: interface entre as diretrizes curriculares e os conteúdos da atenção básica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.64, n.2, 2011. p.315-321. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000200015>. Acesso em: 20 set. 2015.

SILVA, R.P.G.; RODRIGUES, R.M. Sistema Único de Saúde e a graduação em enfermagem no Paraná. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.1, n.63, Brasília jan-fev. 2010. p. 66-72. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n1/v63n1a11.pdf>> Acesso em: 20 set. 2015.

SIQUEIRA-BATISTA, R. Modelos de tomada de decisão em bioética clínica: apontamentos para a abordagem computacional. **Revista Bioética**, v.22, n. 3, 2014. p.456-61. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422014223028>>. Acesso em: 12 out. 2015.

SOARES, M.I.; *et al.* A pesquisa como fio condutor para a produção do cuidado em enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v.6, n.1, 2015. p.591-605. Disponível em: <http://gestaoesaude.bce.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/671/pdf_1>. Acesso em: 27 out. 2015.

SPÍNDOLA, T.; MARTINS, E.R.C.; FRANCISCO, M.T.R. Enfermagem como opção: perfil de graduandos de duas instituições de ensino. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.2, n.61, Brasília, mar-abr. 2008. p.164-169. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n2/a04v61n2>>. Acesso em: 21 out. 2015.

SOUZA, S.D.H.; MIYADAHIRA, A.M.K. O desenvolvimento de competências no curso de graduação em Enfermagem: percepção de egressos. **Ciência Cuidado Saúde**, v.11, 2012. p.243-250. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/17082/pdf>> . Acesso em: 27 maio 2015.

TEIXEIRA, E.; *et al.* Panorama dos cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil na década das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, n.66, 2013. p.102-10. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000700014>> Acesso em: 27 out. 2015.

TONHOM, S.F.R.; *et al.* A formação em enfermagem por área de competência: limites e possibilidades. **Revista Escola de Enfermagem USP**, v.48, 2014. p.225-232. Disponível em: <www.ee.usp.br/reeusp>. Acesso em: 15 nov. 2015.

VITORINO, D.F.P.; HERTEL, V.L.; SIMÕES, I.A.R. Percepções de moradores de uma cidade de Minas Gerais sobre o profissional de enfermagem do gênero masculino. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.4, n.16, out-dez. 2012. p.528-537. Disponível em: <<http://www.dx.doi.org/S1415-27622012000400008>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

Data do recebimento: 14 de Dezembro de 2015

Data da avaliação: 19 de Janeiro de 2016

Data de aceite: 20 de Janeiro de 2016

1. Acadêmica de Enfermagem – UNIT-SE

2. Acadêmica de Enfermagem – UNIT-SE

3. Mestre; Professora do Curso de Graduação em Enfermagem – UNIT-SE. E-mail: julimusse@hotmail.com